Leitura: mediação e mediador

Márcia Regina da Silva

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.
Professora do curso de Ciências da Informação e da Documentação da FFCLRP/USP
E-mail: marciaregina@usp.br

BARROS, M. H. T. C.; BORTOLIN, S.; SILVA, R. J. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: FA, 2006. 160p.

Esta obra aborda as questões ligadas à leitura de jovens, tema propício para o lançamento da *Biblioteca Escolar em Revista*, que tem como temática central a discussão dos aspectos que envolvem a estrutura, funcionamento e gestão de bibliotecas escolares além da mediação da leitura no contexto dela. O livro é resultado do encontro de três autores Maria Helena T. C. de Barros, Sueli Bortolin e Rovilson José da Silva, cujas áreas de formação são complementares quando o assunto é Leitura: Ciências da Informação e Letras. Assim, o intuito da obra é apresentar uma “visão sobre a leitura pelo prisma da ação-reflexão-ação. Discute a figura do mediador; em especial aquele mais envolvido com o público infanto-juvenil”.

Embora a publicação desta obra date de 2006, podemos considerá-la atual e relevante para as discussões que começam a se despontar com a publicação da Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010, que trata da universalização das bibliotecas escolares no Brasil. Esta lei prevê que qualquer escola, seja pública, seja privada, deve ter obrigatoriamente uma biblioteca em condições suficientes para atender o número de alunos matriculados. Para se discutir a implantação de bibliotecas em escolas e a formação de bibliotecários que tenham competências diferenciadas para atuarem nestes ambientes, é preciso antes entender e caracterizar os modos e os contextos de leitura das crianças e jovens brasileiros. Daí pode-se ressaltar a importância da obra, tanto para bibliotecários que buscam elementos para repensar sua atuação nestes ambientes, como para educadores que também são responsáveis pela formação de leitores, além, é claro, de outros interessados por essa temática.

Para entender o universo da leitura dos jovens é preciso discorrer sobre o processo de mediação e identificar os mediadores da leitura. É justamente nesse aspecto que os autores se apoiaram para o desenvolvimento dessa obra. Para tanto, discutem a formação do leitor e a influência dos adultos (família e educadores) na mediação da leitura literária. A obra está dividida em treze textos, que serão apresentados a seguir.

Logo no primeiro texto *A mediação da leitura na biblioteca*, Maria Helena T. C. Barros chama atenção para a questão do incentivo à leitura e, de como despertar nos jovens o interesse pela leitura de obras literárias, haja vista as inúmeras possibilidades de recursos (Internet, Jogos eletrônicos, TV, etc) existentes. Segundo a autora “não só a TV e outras formas de lazer desviam leitores jovens da biblioteca; a nossa “miopia”, também, até porque continuamos a acreditar, ingenuamente, que livro, jornal e revista são os únicos materiais de leitura, ignorando, perigosamente, a “leitura” que os jovens fazem da parafernália eletrônica e que lhe dá prazer, porque é lúdica, é jogo”. A mediação torna-se importante tanto no caso de crianças, que precisam ser encantadas, como no caso de jovens que precisam ser apresentados não somente às obras clássicas, como também às literaturas atuais, que merecem ser desbravadas.

No texto *A biblioteca pública e a leitura do adolescente*, o sujeito adolescente é temática central no contexto da biblioteca pública. Trata-se dos resultados da tese de doutorado de Maria Helena T. C. Barros, intitulada “Leitura da adolescente: uma interpretação pelas bibliotecas públicas do estado de São Paulo”, defendida em 1995. Neste trabalho foram realizadas entrevistas com encarregados das bibliotecas públicas e adolescentes. Embora o texto apresente aspectos significativos encontrados nas falas, constata o seguinte: “Se os adolescentes estão dizendo que gostam de ler, nenhuma biblioteca pública pode perdê-los, seja por falta de habilidade ou de competência”.

Os textos *O adolescente e a leitura da literatura* e *A leitura do adolescente e os temas de sexo, saúde e violência*, ambos de autoria de Maria Helena T. C. Barros também trazem resultados de sua tese, citada anteriormente. No primeiro texto, a autora elenca as obras mais lidas pelos adolescentes. Pela lista obtida, percebe-se que grande parte dos títulos refere-se às obras paradidáticas, que fazem parte do currículo escolar. Esta constatação levou a autora a afirmar que “...as obras lidas pelos adolescentes na biblioteca pública – ainda hoje, fazendo desajeitadamente as vezes da biblioteca escolar – refletem inclusive a mediação reprodutora da escola, que continua presa às indicações do passado, o que se pode perceber pela ausência de nomes ligados à literatura contemporânea e com reconhecida qualidade literária, sejam nacionais, sejam estrangeiros”. Já no segundo texto, a autora relacionou as leituras dos adolescentes com as temáticas, sexo, saúde e violência. Os dados apresentados referem-se à leitura livre, ou seja, de entretenimento. Dentre outros achados da pesquisa, cabe pontuar que ainda há predominância de interesse por assuntos chamados pelos autores de “mais amenos”, como aventura e amor.

Outra questão também abordada no livro refere-se à leitura literária, tema principal do texto *A leitura literária em suporte eletrônico na biblioteca infanto-juvenil*, de autoria de Sueli Bortolin. O texto conceitua biblioteca infanto-juvenil e atribui a ela a tarefa de oportunizar as crianças e aos jovens a leitura de diferentes linguagens e a leitura por meio de novas tecnologias. Embora saibamos que as tecnologias citadas neste texto já estão muito mais avançadas, a ideia de mediação nesses ambientes ainda permanece. Segundo a autora “as bibliotecas infanto-juvenis precisam diminuir a defasagem tecnológica existente precisam provocar um processo de modernização dos seus recursos tecnológicos, para que possam otimizar o uso dos seus acervos e ampliação dos produtos, serviços e atividades oferecidas”.

O local onde ocorrem ou podem ocorrer mediações de leitura também é temática abordada no livro. *A mediação da leitura nos espaços infanto-juvenis* texto de Sueli Bortolin trata justamente deste aspecto: “neste trabalho, nos preocupamos em tratar apenas do fator espaço, ou seja, o local em que ocorrem ou podem ocorrer mediações de leitura, pois defendemos a criação e a manutenção de áreas objetivamente destinadas à leitura da criança – leitor em formação – considerando que na atualidade, podemos observar que ela vem perdendo gradativamente o seu espaço na sociedade”. A autora reflete sobre a importância do espaço físico bem delineado para tornar a leitura prazerosa e produtiva.

Das prateleiras às mãos dos autores Rovilson José da Silva e Sueli Bortolin, há reflexões a respeito do acesso da criança à leitura. A literatura contribui para o desenvolvimento intelectual, cultural e social da criança. De acordo com o texto, “cabe aos mediadores de leitura, entre eles, familiares, professores e bibliotecários, provocar na mais tenra idade o “paladar”, ou seja, o gosto pela leitura”.

A mediação da leitura também pode ser realizada pelos contadores de histórias, estes profissionais necessitam de melhor fundamentação teórica sobre leitura e literatura para auxiliar de forma efetiva no processo de aprendizagem do aluno. No texto *A hora do conto na escola: paradoxos e desafios*, de Rovilson José da Silva, há reflexões sobre sua dissertação de mestrado intitulada “A leitura literária nas 3ª e 4ª séries do ensino fundamental do município de Londrina” defendida em 2001. Esta pesquisa abordou a leitura literária e sua utilização pelo professor da Hora do Conto. Visou ainda evidenciar os desafios que o mediador de leitura cotidianamente enfrenta na Rede Municipal de Ensino de Londrina. Os resultados desta pesquisa demonstraram falta de unidade de procedimentos entre a Secretaria de Educação e a Biblioteca Pública Municipal para conduzir a Hora do Conto, o que torna o

projeto vulnerável já que não há fundamentação nem alicerces para as bases teóricas dos contadores existentes.

A figura dos avós como personagens importantes no processo de mediação da leitura também foi abordado nesta obra. O título do texto é sugestivo *Vó, me conta uma história* de autoria de Maria Helena T. C. de Barros. A proximidade com familiares e o aconchego do lar podem trazer experiências enriquecedoras para a formação de leitores. Outro texto que novamente nos remete a pensar na importância da hora do conto como estratégia para a formação cultural de crianças e jovens é *Hora da história: toda criança merece de Silvia Bortolin Borges e Sueli Bortolin*. As autoras demonstram interesse pela linguagem oral e propõem “dicas” para contribuir para o êxito do trabalho do professor/contador, conforme o trecho “utilize recursos de voz, como entonação e imitação de animais, mas aja com naturalidade, sem exagero nos gestos, vozes e expressões”.

Não faltou nesta obra um espaço para a reflexão do papel do bibliotecário como mediador da leitura. No texto *O bibliotecário e o ato de ler* a autora Maria Helena T. C. de Barros faz a seguinte consideração “teoricamente, a importância maior do bibliotecário está em ser ele o detentor da força informacional da biblioteca”. Desta forma, dependendo do usuário atendido, cabe a este profissional a tarefa de permitir o acesso ou não a determinada informação. Já o texto *O professor como mediador da leitura*, da mesma autora, traz elementos que nos faz questionar se realmente os professores exercem a função atribuídas a eles de mediadores da leitura. Tanto o bibliotecário como o professor exercem funções primordiais na formação de leitores. “O ideal seria que ambos trabalhassem de forma articulada, coerente e que ambos estivessem atualizados sobre o que se produz e se lança no mercado de literatura infantil e infanto-juvenil de boa qualidade, de tal forma que os acervos refletissem esse cuidado e o interesse redobrado pela formação de leitores”.

A obra encerra com o texto *Da leitura, classes especiais e bibliotecas escolares*, de Maria Helena T. C. de Barros que coloca em discussão a mediação da leitura de alunos com diferentes necessidades especiais. “O papel do mediador de leitura é promover o melhor encontro entre o texto e o leitor (bem como o leitor em potencial) sem cercá-lo ou limitá-lo, pois somente os céus podem determinar a altura de cada vôo, mesmo em termos de leitura e da fruição de textos, que em sala de aula, quer na biblioteca”.

Por tudo isso, capta-se o interesse dos autores por retratar o comportamento dos leitores em bibliotecas públicas. Neste processo de leitura, nota-se que a biblioteca pública

ocupa o espaço das bibliotecas escolares e até mesmo de familiares e educadores. Maria Helena T. C. de Barros ao trazer falas de alguns jovens me faz recordar da obra de Michéle Petit, *Os jovens e a leitura* de 2008. Nesta obra os jovens franceses afirmam que o fato de ler e ir a biblioteca abriu o espaço de suas possibilidades ao ampliar seu universo de linguagem, seu universo cultural. Segundo Petit, o mediador não pode dar mais do que tem... “por mais que estejam envolvidos, por mais imaginativos que sejam os bibliotecários ou os professores, eles não são onipotentes, e suas tentativas, em certos contextos, podem se deparar com um impasse. Sozinhos, na maior parte do tempo, não podem fazer grande coisa: de fato, se as ações encontrar lugar e eficácia, é sempre dentro de uma configuração.” (p. 158). Petit ressalta ainda que a parceria é uma questão de projeto de cidade e sociedade, ou seja, a leitura também é uma questão social, deveria ser prioridade política.

Referencia

PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: 34, 2008. 192p.